II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
Universidade Estadual de Maringá
28 a 30 de Novembro de 2012

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA E A
ADOLESCÊNCIA

Lorena Maria da Silva (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC/CNPq-FA-UEM); Regina Perez Christofolli Abeche (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá).

contato: loh_maria@hotmail.com
abeche@wnet.com.br

Palavras-chave: Adolescência. Violência simbólica. Formação da identidade.

A adolescência é comumente vista na contemporaneidade como uma fase crítica do desenvolvimento do indivíduo, por serem considerados por muitos desobedientes e rebeldes. Levisky (1995) aponta que a adolescência representa um momento intermediário entre a fase infantil e a vida adulta, sendo que ela representa uma revolução biopsicossocial. Revolução esta, que apresenta mudanças biológicas, psicológicas e comportamentais, sendo elas resultantes da puberdade, da cultura e sociedade na qual este adolescente está inserido.

Aberastury e Knobel (1981) apontam que o período da adolescência é marcado por três diferentes perdas: a perda do corpo infantil, no qual tal adolescente recusa-se aceitar o novo papel que a puberdade lhe impôs e as modificações corporais que agora delimitam seu sexo; a perda dos pais infantis, entendendo que a mesma é marcada pelo paulatino abandono da dependência destes pais e da idealização dos mesmos; e por fim a perda da identidade infantil, ou seja, o adolescente sofre o que os autores apontam como fracasso de personificação, pois não pode continuar com seu papel infantil, entretanto, ainda não é considerado um adulto, apesar das expectativas sociais em torno disso.

Diante de tais perdas, o adolescente procura por novos ideais que lhe darão respaldo para construir sua identidade, considerando as múltiplas mudanças até então ocorridas. Mas como se formaria tal identidade se pensássemos que este adolescente ansioso por tornar-se pertencente ao rol dos adultos, estivesse imerso em uma cultura onde a violência apresenta-se velada, exercendo forte influência sobre os mesmos? (COSTA, 2003).

A partir de Rosendo (2009) denominamos de violência simbólica, esta que se legitima por traz de discursos de proteção e benfeitorias. Mais especificamente, Rosendo (2009) a define como “toda a violência que é capaz de dissimular as relações de força existentes dentro da mesma”, ou seja, tal conceito diz respeito a uma relação de dominação mantida por princípios ideológicos, que partem de premissas cristalizadas e preconceituosas colocados sob

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
Universidade Estadual de Maringá
28 a 30 de Novembro de 2012

uma classe ou grupo de pessoas, que é legitimada pela convivência da sociedade entendendo tal mecanismo como “natural”. A violência simbólica transforma o algoz em vítima, e aquele que a sofre em um perigoso em potencial.

Coimbra (2001) aponta que a ideologia mantenedora desta violência tem como principal “bode expiatório” a classe pobre. No que se refere à população da presente pesquisa, a classe de adolescentes e jovens pobres, nela é imputada a culpa pelas tragédias sociais, justificando assim uma possível higienização social. Tal ideologia possui respaldo da Indústria Cultural - termo usado por Adorno e Horkheimer (1985) que descreve o movimento no qual a cultura é engolida pelo mercado – que através dos meios de comunicação produzem e atribuem papéis sociais, delimitando assim quem são aqueles que a sociedade deve temer e quem são, portanto, os mocinhos e vilões da presente “estória” construída, para dissimular a história vivida que denunciaria a violência que se encontra já embutida nestes scripts.

Diante disto, vemos que muitos destes adolescentes que buscam construir uma nova identidade, como já supracitado, acolhem/concordam com a denominação que lhes é dada, procurando agir em coerência com a categorização feita de si. Rodrigues (2000) denomina tal fato de profecia auto-realizadora. O adolescente sob a violência e papel social imposto, agirá de acordo com o padrão que todos esperam. Padrão este já bem definido pelos meios de comunicação e esperado por todos.

Frente aos fatos levantados acima, voltemos ao questionamento já supracitado: como se daria a formação da identidade deste adolescente que se encontra sob o jugo da violência simbólica? E quais as consequências da mesma neste momento que tem como alvo a fase adulta?

Esta violência consoma-se sem o crivo de uma reflexão crítica, portanto, resta-nos a militância através do pensar para que a classe pobre não seja massificada em um único personagem, o vilão, para que este adolescente não se considere um perigoso em potencial desta sociedade maniqueísta.

Destarte, a presente pesquisa apresenta-se em seu início, portanto, não há resultados ou conclusões acerca do assunto pesquisado.

Ademais, a pesquisa tem como objetivos: oferecer subsídios teóricos que auxiliem os acadêmicos do “*Projeto Phenix: ousadia do renascimento indivíduo-sujeito, fase III*”, para que os mesmos possam desenvolver a sua escuta, no que se refere, a violência simbólica que

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
Universidade Estadual de Maringá
28 a 30 de Novembro de 2012

perpassa de modo “naturalizado”, auxiliando-os na parte prática, que consiste em intervenção social com os adolescentes de um colégio público na cidade de Maringá.

A mesma possui também o intuito de descrever e analisar as situações vividas e contadas pelos adolescentes que representam a expressão da violência simbólica, e a maneira como esta tem sido reproduzida na escola entre seus pares: adolescentes, adolescentes e professores e adolescentes e direção.

E, por fim, estabelecer uma relação entre esta violência e as consequências da mesma para a construção da identidade dos adolescentes de um colégio público da cidade de Maringá.

O presente trabalho apresenta-se como uma pesquisa de cunho bibliográfico tendo em vista a definição trazida por Cervo e Bervian (1972) no qual os autores afirmam que a mesma tem “o intuito de recolher informações e conhecimentos prévios acerca de um problema para o qual se procura respostas, acerca de uma hipótese que se quer experimentar” (p. 69). Ainda sobre a pesquisa bibliográfica Marconi e Lakatos (2006) asseguram que essa coloca o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que já foi produzido sobre determinado assunto, dando por consequência, diversos dados, para que o autor da pesquisa examine os materiais disponíveis sob um novo enfoque teórico, chegando assim, a conclusões inovadoras.

A respeito do caráter metodológico desta pesquisa a mesma, ainda, pode ser caracterizada como uma pesquisa participante, já que a pesquisa participante propõe a construção do conhecimento conjuntamente com o grupo a ser pesquisado, dando especial importância as suas vivências e hábitos culturais. Brandão (1988) afirma que a pesquisa participante da voz e vez ao povo, colocando-o não mais em uma posição de mero sujeito de pesquisa, mas como construtor do conhecimento científico. O autor ainda expõe que tal pesquisa só é possível por intermédio da construção de vínculos e da submissão da pesquisa aos saberes do público pesquisado. Isto mostra que atingir uma relação de troca é um dos fundamentos exigidos por este método de pesquisa.

Este estudo configura-se também como uma pesquisa qualitativa, apoiada no conhecimento construtivo-interpretativo, nos moldes da teoria de González Rey (2002), no qual o mesmo considera que o conhecimento não consiste “em uma soma de fatos definidos por constatações imediatas do momento empírico.” (p. 31). Em contrapartida, o conhecimento é construído por seu caráter interpretativo e relacional, no qual o mesmo vê a necessidade de dar sentido às expressões do objeto pesquisado. A abordagem qualitativa volta-se para a

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
Universidade Estadual de Maringá
28 a 30 de Novembro de 2012

elucidação dos complexos processos que constituem a subjetividade, não tendo, portanto, objetivos, tais como, a descrição, o prognóstico e o controle, prezando, portanto, pela narrativa. Tal termo é usado por Benjamin (1994) no qual o autor aponta que a narração proporciona o intercâmbio de experiências, e que a mesma possui suas raízes no povo e em seus saberes, promovendo assim a construção do conhecimento de maneira relacional.

Tendo em vista que a pesquisa qualitativa repousa sobre a construção do conhecimento por intermédio de uma interpretação a partir de um constructo teórico que já pressupõe uma não neutralidade do pesquisador, a visão de homem abordada na presente pesquisa é amparada por Leontiev (1978) no qual o autor afirma que o homem está ativo e intencionalmente construindo esta cultura e conseqüentemente sendo modificado por ela.

Nosso estudo possui sua base teórica fundamentado na psicanálise freudiana e de autores pós-freudianos, e na Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, em especial, Theodor Adorno e Max Horkheimer.

Referências

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. 10 ed. Porto Alegre: Artes médicas, 1981.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: _____. **Dialética do esclarecimento** – fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 113-156.

BENJAMIN, W. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. (Recensão de Ana Paula Rosendo). Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2009.

BRANDÃO, C. R. Pesquisar – Participar. In: _____. **Pesquisa participante**. 7 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica para uso dos estudantes universitários**. São Paulo: Editora McGraw-Hill do Brasil, 1972.

COIMBRA, C. A pesquisa. In: _____. **Operação Rio**: o mito das classes perigosas. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, Niterói: Intertexto, 2001, p. 17 – 25.

COIMBRA, C. A mídia produzindo subjetividades. In: _____. **Operação Rio**: o mito das classes perigosas. Rio de Janeiro; Oficina do Autor, Niterói: Intertexto, 2001, p. 29-75.

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

Universidade Estadual de Maringá

28 a 30 de Novembro de 2012

COSTA, J. F. À guisa de introdução: Por que a violência? Por que a paz? In: _____. **Violência e Psicanálise**. 3 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003, p. 11 -80.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa em psicologia**: caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002.

LEONTIEV, A. O homem e a cultura. In: _____. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livraria Horizonte, 1978, p.279-302.

LEVISKY, D. L. **Adolescência**: reflexões psicanalíticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p.15-52.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2006.

RODRIGUES A.; ASSMAR, E. M. L.; JABLONSKI, B. Cognição Social. In: RODRIGUES, A. **Psicologia Social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 67-95.